

O QUE É A PESQUISA

Quando o estrondo de ruptura anunciou o tombamento da estátua de Edward Colston em Bristol, na Inglaterra, no dia 7 de junho de 2020, milhares de pessoas ao redor gritaram envaidecidas comemorando a queda do monumento de um dos maiores traficantes de escravos do século 17. Não satisfeitos de derrubarem a escultura, os manifestantes a jogaram logo em seguida no rio Avon.

Bastou que esse episódio acontecesse – e ganhasse enorme repercussão nas redes sociais – para que manifestantes de diversas partes do mundo se sentissem inspirados a forçar a retirada de estátuas daqueles que colaboraram ou promoveram truculências contra povos africanos. Na mesma semana, jornais do mundo inteiro estampavam fotos de monumentos depredados e/ou derrubados por membros dos protestos antirracistas que marcaram aquele mês, erguidos após o assassinato do estadunidense George Floyd.

O argumento dos manifestantes se baseava no fato de que uma estátua é capaz de moldar ou endossar até mesmo as estruturas culturais mais enraizadas de um povo, e por isso, seria importante refletir as circunstâncias nas quais está inserida.

O fato é que fossem ou não legítimos os atos contrários às estátuas, a pluralidade das nuances de uma imagem nos diz muito mais do que a própria matéria em si do objeto – e isso não é uma exclusividade das esculturas. Este projeto de Iniciação Científica investiga esse princípio, mas com análises direcionadas à fotografia.

Para explicar o tema, proponho que pense na África por alguns segundos. Feito isso, tente descrever as imagens projetadas pela sua mente.

Caso tenha pensado em cenários de pobreza, miséria, sofrimento, natureza e/ou corpos negros, saiba que estas são as concepções sobre a África predominantes em seu imaginário, que é construído através de todo conjunto cultural absorvido durante a vida.

As origens deste estereótipo podem ser explicadas por diversas razões de relações humanas estabelecidas. Mas neste trabalho, a comunicação é a principal fonte de investigação do tema.

Pouco após ingressar na Faculdade Cásper Líbero para cursar Jornalismo, em 2018, conheci um perfil no Instagram que conquistou a minha atenção por semanas. Yannis Davy Guibinga, fotógrafo contemporâneo de Gabão que usa as redes sociais para expor seus trabalhos, me fez refletir muito sobre a maneira como a África é retratada pela fotografia e o impacto disso na sociedade ocidental.

Ao invés de crianças tristes e famintas, Guibinga registra africanos em cenários lúdicos, vestindo trajes ultracoloridos de grife, usando maquiagens chamativas e fazendo poses que remetem a conceitos de poder. Na descrição de seu perfil no Instagram, o fotógrafo se define como alguém que “explora diferentes identidades e culturas do continente africano e de sua diáspora”.

Foi ao conhecê-lo que comecei a refletir sobre as narrativas construídas pela fotografia no imaginário ocidental sobre a África. Se por lado, fotos podem reforçar uma visão simplista sobre o terceiro maior continente do planeta, por outro também permitem a reformulação de concepções, ampliando perspectivas sobre a região.

Aos 25 anos, Guibinga já fez dezenas de ensaios retratando culturas e povos africanos, trabalhou para grandes empresas como Apple e Nikon, já palestrou sobre o assunto na fundação global TEDx e participou de mostras em diversos países como Suíça, África do Sul, Nigéria, França, Rússia e Estados Unidos.

Assim como ele, há muitos outros jovens africanos ganhando sucesso com trabalhos visuais que ilustram o continente através de perspectivas disruptivas do estereótipo sob o qual há séculos é submetido. Nomes como Prince Gyasi, Derrick Oforu Boateng, Ima Mfon, Asiko e TY Bello têm proporcionado – para dentro e fora da África – a difusão de conhecimento da diversidade africana.

Com fotos repletas de intenções, elementos e referências, estes e outros fotógrafos vão aos poucos reformulando imaginários sobre a África e vendo suas popularidades crescerem, muito em razão aos avanços da internet na era da globalização.

Esta pesquisa, portanto, tem como enfoque a influência da fotografia na construção do imaginário ocidental sobre a África, a partir de análises do trabalho de Yannis Davy Guibinga.

Durante o processo da Iniciação Científica, orientada pela professora Simonetta Persichetti, concluí meu penúltimo ano de graduação, estagiei na Ilustrada, editoria de cultura da Folha de São Paulo, e aumentei o meu interesse pelo jornalismo cultural e pelo continente africano.

METODOLOGIA

Para investigar a construção do imaginário ocidental sobre o continente africano através da fotografia escolhi usar como principais referências estudos realizados pela escritora e militante nigeriana Chimamanda Adichie, o historiador britânico Peter Burke e o fotógrafo brasileiro Boris Kossoy.

Analisando o conceito de história única, termo cunhado por Adichie, busco compreender de que maneira a narração de fatos sob uma ótica singular pode ter consequências estruturalmente nocivas e globais.

Segundo a escritora, são as estruturas de poder sociais quem deliberam a criação e a reprodução das histórias únicas nas sociedades. O sistema de desigualdade racial e de classe formam, assim, um mecanismo fundamental para a ideia da África como uma região – ao invés de um continente – simplória e constituída por uma realidade singular, marcada por terríveis desgraças e exuberâncias naturais.

Para fugir da lógica da história única, Adichie propõe então a pluralização de narrativas como o instrumento ideal para a representação. Com isso, é possível descrever a África muito além de cenários miseráveis – fato não só existente, como também bem agravante no continente –, e reconhecer suas complexidades cultural, social, histórica e política.

Para estudar o estereótipo através da imagem, me debrucei sobre análises de Burke, que o entendem, de maneira resumida, como a relação estabelecida entre visão imagética e mental no encontro entre culturas distintas.

Entre as análises do historiador, dou enfoque para as de imagens (pinturas, desenhos, xilogravuras e fotografias) europeias do continente africano, que desde a origem frequentemente fazem intenso uso de uma perspectiva etnocêntrica.

E para aprofundar minha pesquisa sobre o que entendemos por fotografia propriamente dita, estudei demasiadamente as produções de Kossoy, já que oferecem uma vasta investigação sobre este recurso.

Kossoy investiga desde os primórdios da fotografia até os processos invisíveis (no sentido literal) da criação do registro fotográfico. Ele analisa como a fotografia é capaz de criar realidades e estabelecer transposições entre dimensões do espaço-tempo.

O fotógrafo disserta ainda sobre o alto nível de importância da cultura tanto no ato de fotografar quanto no ato de interpretar uma foto. Os processos de criação e de interpretação do registro são atravessados por contextos culturais, sociais, éticos, econômicos e políticos. O material, assim, nunca é isento da complexidade das relações humanas.

É impossível haver uma imagem desconexa de suas especificidades externas. E é por isso que uma foto nunca é somente uma foto, e sim um objeto derivado de um conjunto de comportamentos a serem analisados minuciosamente.

YANNIS DAVY GUIBINGA E A ÁFRICA SOB OUTRO OLHAR

Como dito anteriormente, escolhi o fotógrafo ganhês Yannis Davy Guibinga para tecer análises iconológicas e dissertar sobre como a fotografia pode ser usada para romper estereótipos e construir novos imaginários daquilo que se entende por África no mundo ocidental.